

O Sucesso CBERS-2

José Carlos N. Epiphanyo

Os satélites fazem parte da vida dos brasileiros. Tanto os de meteorologia como os de sensoriamento remoto. Há dois anos, mais precisamente em 21/10/2003, o segundo Satélite Sino-Brasileiro de Recursos Terrestres (CBERS-2) foi lançado da base de lançamentos chinesa de Taiyuan, no interior da China. Logo após o lançamento, deu-se início uma bateria de testes em órbita para verificar a condição do satélite e realizar todos os ajustes necessários à sua perfeita operação. No Brasil, os usuários passaram a ter acesso gratuito pela internet aos dados desse satélite de sensoriamento remoto a partir de junho de 2004. O que ocorreu no país desde então foi algo de surpreendente até para os mais otimistas.

Enquanto as imagens do satélite norte-americano Landsat eram distribuídas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE à média de 1.500 por ano, as do CBERS-2 atingiram a marca de mais de 150.000 em um ano e meio! O INPE, numa decisão ousada de atribuir o caráter de "bem público" às imagens do satélite CBERS-2, permitiu que o acesso a elas fosse amplo e igualitário a todos os usuários brasileiros. Todo brasileiro ou instituição que queira fazer uso dessas imagens pode fazê-lo sem custo, com um simples clique de mouse de computador, pela internet.

O resultado dessa plena democratização das imagens do CBERS-2 causou uma verdadeira revolução em equipes e instituições. Embora as imagens de satélite sejam um insumo básico a muitos tipos de usos: monitoramento de desmatamentos, pla-

nejamentos regionais, licenciamentos ambientais, análises agrícolas, e muitos outros processos que demandam dados locais e regionais geograficamente distribuídos, o custo das imagens provenientes de outros satélites impedia ou limitava a plena aplicação das imagens de satélite a essas diversas aplicações. O satélite CBERS-2 e a política de livre distribuição das suas imagens vieram dar uma reviravolta nesse cenário.

Se antes, setores menos favorecidos, como as secretarias de meio ambiente, órgãos públicos federais e estaduais, todo o setor educacional, pequenas empresas, etc., ficavam praticamente à margem do uso de tecnologia espacial de sensoriamento remoto e geoprocessamento em suas atividades, com o CBERS-2 passaram a não depender mais das conjunturas e restrições econômicas e burocráticas para terem acesso a imagens do satélite, que são tão necessárias à consecução dos seus fins.

Num seminário realizado no INPE em comemoração dos dois anos de lançamento do CBERS-2, setores governamentais, educacionais, da iniciativa privada, e ONGs estiveram presentes e puderam relatar o impacto que o CBERS-2 vem tendo em suas atividades, projetos e realizações. Por exemplo, a Secretaria da Fazenda de Goiás tem evitado evasão fiscal, pois usam as imagens do CBERS-2 no monitoramento agrícola; a Petrobrás tem conseguido detectar finas películas de óleo no mar, que podem indicar fendas no fundo do oceano, que merecem investigação ou prospecção; o IBAMA tem conseguido ampliar substancialmente seus trabalhos de monitoramento em função de terem as imagens de boa qualidade do CBERS-2 à disposição a qualquer momento; o INCRA tem nas

imagens do CBERS-2 o sustentáculo das suas atividades de mapeamento, cadastramento e avaliações; a Secretaria de Estado do Meio Ambiente de São Paulo usa rotineiramente as imagens CBERS-2 nos seus trabalhos de licenciamento ambiental e de proteção de recursos naturais. Vários outros casos foram relatados.

Se apenas uma pequena amostra de instituições já demonstrou a importância concreta do CBERS-2 em suas atividades, com resultados surpreendentes, ficamos a imaginar o que estarão fazendo com o CBERS-2 as outras mais de 1.000 instituições e os mais de 14.000 usuários ativos cadastrados até agora, tanto em termos de soluções criativas como em geração de empregos e oportunidades.

O CBERS-2 já tem um sucessor à vista - o CBERS-2B - em construção e com data de lançamento prevista para fins de 2006. Hoje, é consenso geral que o Brasil atingiu um alto nível de maturidade no uso de dados de satélites de sensoriamento remoto para os mais diversos fins. E dada a dependência de imagens do CBERS-2 criada nos milhares de usuários e instituições espalhados pelo Brasil, é óbvio que o país não pode correr riscos de ficar sem os dados gerados por satélites de sensoriamento remoto. Porém, como a vida útil dos satélites é curta - cerca de dois anos, e o seu tempo de construção é longo, há que se estar atento ao fluxo adequado de recursos e ao fortalecimento numérico e qualitativo das equipes, sob pena de perdermos a brilhante posição que conquistamos.